



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

## Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



## Os Santos Populares e as Tradições de São João

Neste mês dos Santos Populares, vamos olhar para o papel da mulher nas Festas Populares de São João, especialmente expressivas na Terceira e em Vila Franca do Campo, em São Miguel. Mas antes, um pouco de história...

As Maias, cânticos litúrgicos dedicados, no mês de Maio, à Virgem Maria, deram origem às festas dos três santos populares: Santo António, São João e São Pedro. No século XIV, porém, Dom João I proibiu estes cantares, cujo carácter religioso tinha sido adulterado pelo povo, resultando em baillados nas ruas das cidades.

Como seria de esperar, perdurou o gosto popular de cantar e bailar, levando as pessoas a celebrar outras festividades assinalando a primavera e os primeiros frutos da época, tradições que levavam à comemoração do solstício de Verão, em Junho, prática pagã assinalando o dia mais longo do ano (dia 21) que deu origem às fogueiras de São João.

No século XVIII, durante o período napoleónico, os franceses introduziram a moda de dançar as marchas militares. Começavam no mês de Junho, para festejar a tomada da Bastilha, que acontecera em Julho de 1789. Desfilavam com archotes acesos nas mãos, que os portugueses cedo substituíram por balões de papel e fogo-de-artifício, costumes trazidos da China no século XVII, e já usados em arraiais e feiras.

E o papel da mulher? É evidente que, ao longo dos séculos, as mulheres participaram nestas festividades e tradições, como ainda o fazem hoje. E, bem vistas as coisas, são elas que dão brilho e colorido às festas. Pois quem faz as centenas de roupas e trajes? Boas festas populares! \*

# Nas Asas da Igualdade?

## Sou criança Tenho direito a brincar

Quando as crianças brincam  
E eu as oiço brincar  
Fernando Pessoa

PAULA BRANDÃO DUTRA BORGES  
UMAR Açores

No tumulto dos dias que correm, poucas dúvidas me restam de que as crianças perderam ou não lhes foi permitido viver a magia de brincar.

Com efeito, às crianças como que lhes foi roubado o tempo sem tempo da infância: por um lado, são vítimas de negligência, de abusos, de desrespeito pela sua inocência; por outro, é-lhes exigido que sejam responsáveis, obtenham excelentes resultados escolares, a par de outras atividades em que estão inscritas e em que devem, igualmente, atingir patamares de mérito; por um lado, não são educadas a respeitar o outro, a valorizarem o que têm, a ter objetivos; por outro,



tudo lhes é oferecido, desde que, em troca, não envergonhem os pais, sejam autónomas, tão autónomas que qua-

se se transformam em adultos a haver.

Muito ainda há a fazer para assegurar que o ser criança o

## Feira de trocas e conexões no Arco 8

No último Sábado, dia 30, aconteceu no Arco 8 a Feira de Trocas. Com o intuito de fomentar uma economia colaborativa, houve intercâmbio de bens, apresentação de iniciativas e transmissão de conhecimentos. Projetos que mostram ser possível viver de uma forma sustentável e em partilha. Ouvimos vozes de experiência, sobre o fascinante mundo vegetal. Dançamos, conversamos e discutimos, o que podemos construir junt@s no mundo. Foi a primeira de um ciclo, no Outono voltamos às conexões.

PAULARITA

seja em plenitude. Falta, por exemplo, (re)educar os cuidadores a serem garantes de amor firme. \*

## Junho de 2018

# Janela sobre o passado...

A importância do pensamento feminista e liberal britânico, traduziu-se, ainda no século XIX, em conquistas e medidas inovadoras. A primeira foi o "Ato de Reforma", de 1868, que permitiu às mulheres proprietárias poderem votar a nível municipal, com exceção das casadas, por dependerem dos maridos. Em 1882, porém, o "Ato de Propriedade da Mulher Casada" veio possibilitar o reconhecimento do direito feminino à propriedade, bem como do poder de disposição de bens. Gradualmente, as mulheres foram assumindo um maior protagonismo social e público por via das práticas assistenciais e de uma crescente intervenção na política local. Nada de inusitado para um reino que tinha no trono, desde 1837, a detentora de um dos mais longos reinados da História: a rainha Vitória.

Com apenas 18 anos de idade, Vitória de Hanover tornou-se rainha do Reino Unido e de um vasto Império. Casou, por amor, com o primo, o príncipe Al-



SUSANA  
SERPA SILVA

berto de Saxe-Coburgo-Gota, de quem teve 9 filhos e 42 netos. Viveu um casamento feliz e enquanto rainha, enquadrada num modelo de Monarquia Constitucional, tentou influenciar os governos, tornando-se um símbolo nacional, representativo de rigorosos valores morais e éticos. Apesar de alguns períodos de menor popularidade (sobretudo após a viuvez, que a levou a isolar-se), marcou a política europeia e mundial, até à sua morte em 1901.

Desde a Idade Média, contrariando a discriminação a que as mulheres sempre foram sujeitas, ainda se contaram numerosas e importantes rainhas que ocuparam tronos europeus. Nos finais do século XVIII, destacaram-se Catarina, a Grande, da Rússia ou Maria Teresa, da Áustria e ao longo do século XIX, para além de Vitória do Reino Unido, Portugal conheceu duas rainhas — D. Maria I, filha de D. José I e D. Maria II, filha de D. Pedro, Duque de Bragança. Entre 1833 e 1868, Espanha também



Manuscrito da Rainha Vitória da Prússia (1844). Vitória, a Princesa de Royal, Vitória e Maria Ana.

A primeira fotografia conhecida da Rainha Vitória, com a filha mais velha (1844).

teve em Isabel II, de Bourbon, a sua monarca e em 1890, no reino dos Países Baixos, ascendeu ao trono Guilhermina, que viria a abdicar por meados do século XX. Será ao longo desta centúria que muitas mais mulheres assumiram, no mundo, destacadas funções políticas — Isabel II, Golda Meir, Indira Gandhi, Margaret Thatcher, Corazon Aquino, Benazir Bhutto, Hillary Clinton, Angela Merkel, entre outras — as quais, todavia, representam uma diminuta percentagem em círculos que ainda persistem sob dominação masculina. \*